

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA EM CONTEXTOS DE EVASÃO ESCOLAR

Rafael Magalhães Costa ¹
Fernanda Sampaio de Almeida ²

RESUMO

A evasão escolar é um fenômeno vinculado a fatos sociais, econômicos e culturais. Nesse sentido, é preciso considerá-la como situação problemática conjuntural. Dentre suas causas, inclui-se a falta de motivação de alunos e professores junto a deficiência nos processos de ensino aprendizagem. Objetivou-se promover uma discussão a respeito desses temas, relacionando-os dialeticamente, seguindo aportes teóricos da aprendizagem significativa e da motivação. Conclui-se a evidente importância que a motivação e a aprendizagem significativa adquirem no contexto da minoração da evasão escolar, o que vem a fomentar um campo de discussões cada vez mais abrangente e significativo em torno dessa temática.

Palavras-chave: Motivação; Aprendizagem Significativa; Evasão Escolar.

INTRODUÇÃO

O problema da evasão escolar é preocupante, principalmente no contexto de uma sociedade que enfrenta diariamente desafios para manter um sistema educacional em funcionamento, frente a tantos problemas de ordem política, sociocultural e econômica. Na verdade, é na conjunção e interrelação desses elementos que encontramos sinais de sua gênese. Conforme Lolis e Lima (1997),

[...] evasão escolar é o afastamento do aluno da escola. Esse desvio se dá por vários motivos, tais como: situação econômica da família; falta de vagas nas escolas; distância da escola; problema de relacionamento entre professor e aluno; gravidez precoce; falta de interesse e de incentivo dos pais e da própria escola, entre outros.

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, rafaelmagalhaes@saocamilo-es.br.

² Mestranda do Curso de Ensino, Educação Básica e Formação de Professores da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, fernandasampaiodealmeida@gmail.com;

Nesse sentido, é preciso considerar que a evasão escolar é uma situação problemática, que se produz por uma série de determinantes (CERATTI, 2008). Afim de melhor compreender esse processo, é preciso diferenciar seu conceito daquele entendido como abandono escolar. Evasão escolar refere-se ao aluno que deixa a escola, mas com a possibilidade de retorno à mesma. Já o abandono escolar ocorre quando o estudante deixa a escola em definitivo (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003).

Segundo Rumberger (2006), identificar as causas de evasão escolar é extremamente difícil, pois este fenômeno é influenciado por vários fatores, sejam eles relacionados aos estudantes ou às suas famílias, escolas e comunidades. Este autor entende a evasão escolar como um processo, e não apenas como um momento pontual na vida do estudante, considerando-o como o estágio final de um dinâmico e cumulativo processo de desengajamento da escola.

A partir da certeza que a motivação possui um papel significativo na vida do aluno, por estar atrelada tanto a um maior engajamento nas tarefas que permeiam o contexto escolar quanto à formação integral de um cidadão crítico e realizado (BZUNECK, 2009), sugere-se, pensar na importância da sua vivência no ambiente estudantil formal.

Conforme Rumberger (2006) afirma, alguns fatores relacionados a esse processo de evasão podem estar associados aos valores, atitudes e comportamentos dos próprios alunos, e outros às questões institucionais, como, por exemplo, a falta de recursos escolares e falta de apoio familiar. O fato é que, sejam quais forem os fatores que estão relacionados ao fenômeno, grande parte deles pode ter impacto na motivação do estudante e também dos professores (MENDES, 2013).

Sendo assim, observa-se a necessidade de uma visibilidade maior desse tema para a realização e o sucesso de todos na instituição escolar. A motivação deve ser apresentada como mais uma ferramenta que contribuirá com o processo de aprendizagem na sala de aula, porque ela será aliada do aluno e do professor, que a utilizará como estímulo ao fazer pedagógico (ALVES, 2013).

Algumas consequências decorrentes do déficit na motivação do aluno podem ter relação direta em seu processo de aprendizagem (MENDES, 2013) e, no caso dos professores, teria relação direta com fatores componentes ao ensino. Isso, também, devido ao fato deste ser desvinculado de uma compreensão da realidade e entendimento do estudante como um todo.

Partindo dessa colocação, fica claro que ensino e aprendizagem necessitam de uma compreensão mútua. Um procedimento possível a essa concretude, se assenta em Ausubel (1963), salientando ser [...] o mecanismo humano inato usado para adquirir e armazenar uma vasta quantidade de idéias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento.

A essência do processo da aprendizagem significativa está, portanto, no relacionamento não-arbitrário e substantivo de idéias simbolicamente expressas a algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do sujeito, isto é, a algum conceito ou proposição que já lhe é significativo e adequado para interagir com a nova informação. É desta interação que emergem, para o aprendiz, os significados dos materiais potencialmente significativos (ou seja, suficientemente não arbitrários e relacionáveis de maneira não arbitrária e substantiva a sua estrutura cognitiva). É também nesta interação que o conhecimento prévio se modifica pela aquisição de novos significados. Fica, então, claro que na perspectiva ausubeliana, o conhecimento prévio (a estrutura cognitiva do aprendiz) é a variável crucial para a aprendizagem significativa. Quando o material de aprendizagem é relacionável à estrutura cognitiva somente de maneira arbitrária e literal que não resulta na aquisição de significados para o sujeito, a aprendizagem é dita mecânica ou automática. A diferença básica entre aprendizagem significativa e aprendizagem mecânica está na relacionabilidade à estrutura cognitiva: não arbitrária e substantiva versus arbitrária e literal. Não se trata, pois, de uma dicotomia, mas de um contínuo no qual elas ocupam os extremos (MOREIRA et al, 1997).

Este artigo foi desenvolvido na busca pelo entendimento da motivação e da aprendizagem significativa como fatores que corroboram com a evasão escolar. O objetivo do trabalho, portanto, é promover uma discussão a respeito desses dois temas e sua relação com a evasão escolar. Seguimos os princípios da aprendizagem significativa de por Ausubel (1963) e os da motivação contidos em discussões de trabalhos acadêmicos e científicos, obtidos através de levantamento bibliográfico mediante temática estudada.

A MOTIVAÇÃO NO CONTEXTO DA EVASÃO ESCOLAR

A falta de motivação na sala de aula leva a inúmeros fatores negativos, tanto para o aluno, quanto para o professor, por isso a necessidade de debater motivação no âmbito educacional, pois ambos precisam de estar motivados para alcançar o objetivo principal: o processo de ensino e a aprendizagem (ALVES, 2013).

Diante da realidade escolar atual são perceptíveis as diversidades no processo de ensino e aprendizagem de cada indivíduo envolvido nesse cenário. A necessidade de englobar as particularidades ao sistema educacional torna a prática do ensino uma atividade passível de desacertos. E quando os objetivos desse sistema não são alcançados, temos como consequência a evasão escolar, em função, principalmente, da desmotivação do professor e do aluno nesse contexto.

É comum, nos tempos em que vivemos, ouvirmos queixas de professores sobre o que diz respeito aos baixos salários pagos, a não valorização do seu trabalho, à indisciplina dos alunos, falta de estrutura e investimentos na educação, dentre outros problemas típicos. Desse modo, fica fácil entender a exaustão do educador no cumprimento de sua tarefa, e a consequência dessa desmotivação chega até as práticas pedagógicas, tornado o aluno o principal alvo desse processo.

No que diz respeito à desmotivação do estudante no processo de ensino aprendizagem, devemos considerar o contexto da sociedade jovem atual: a criminalidade, as drogas, a sexualidade, a gravidez na adolescência, a expansão da mídia e da tecnologia e a precocidade da independência juvenil influenciam diretamente o percurso pedagógico. É por isso que a realidade do jovem deve ser inserida no contexto escolar, pois este necessita sentir-se parte integrante do processo de ensino aprendizagem. A motivação possui um papel significativo na vida do aluno por estar atrelada tanto a um maior engajamento nas tarefas que permeiam o contexto escolar quanto à formação integral de um cidadão crítico e realizado (BZUNECK, 2009).

Freire (2001) entendia a motivação como um problema, colocando que esta paira sobre as escolas como uma pesada nuvem. Na colocação, o autor relata que os alunos desmotivados na escola, encontram muita motivação fora dela. Para ele, a escola passa para o segundo plano, ou muitas vezes, não ocupa lugar algum. Fora do cenário escolar, está à espera do aluno a cultura de consumo que manipula o hábito dos sujeitos, a cultura subjetiva do sexo, da amizade, dos esportes, das drogas e da música. Portanto, há várias oportunidades fora do ambiente escolar prontas para serem desfrutadas pela sociedade. Neste sentido, a escola perde seu espaço e diminui suas chances de vencer o jogo contra os fatores que colaboram para que a evasão aconteça. Ela se mantém atrasada, sem inovação, sem condições de competir com o mundo social. Para ganhar este jogo terá que inovar na metodologia, na busca de criatividade e nas ações didáticas e pedagógicas, incluindo também a essas práticas os atrativos que estão fora dos seus limites físicos.

A motivação no contexto escolar é determinante na qualidade do ensino e da aprendizagem e o professor tem um grande impacto na motivação dos alunos, assim como também o aluno tem um grande impacto na motivação dos professores. Um professor desmotivado a ensinar se reflete em um aluno desmotivado a aprender. Desde modo, quando não há atrelamento de saberes e interesses de ambas as partes, não há motivação e o fazer pedagógico se desfalece.

Um professor desmotivado não motiva o aluno a querer aprender e um aluno desmotivado não têm interesse em aprender, nem motiva seu professor a fazê-lo, ou seja, se não há conexão de saberes e interesses de ambas as partes para o ensino, não há motivação mútua (BARREIROS, 2008).

A ausência de interesse do aluno é um dos principais fatores causadores da evasão escolar e do fracasso na educação. A falta de compromisso dos familiares e uma realidade cotidiana de valores primordiais necessário ao ser humano, influenciam os alunos a se tornarem serem irresponsáveis e indisciplinados. No ambiente escolar, muitos não veem futuro no ensino. Segundo o Diogo, Avila, e Costa (2009) seguindo este raciocínio, o professor tem muito a contribuir com a construção de valores e enfrentamento de problemas voltados à aprendizagem, sendo ele peça fundamental, sem retirar a importância da participação familiar ou do próprio aluno.

Sendo assim, a didática exercida pelo professor é de extrema importância para a mudança de realidade. Ainda em Diogo, Avila, e Costa (2009), constatamos não ser possível ensinar diretamente alguém a ser crítico, mas a atitude crítica pode ser desenvolvida à medida que o aluno se instrui, adquirindo uma cultura geral sólida, o que reforça a afirmação sobre a função da escola e a sua força de atuação. Freire (1982) esclarece que o ato de estudar necessita de persistência e atenção, o que por sua vez, remete a uma atividade mental que está presente não só na resolução de tarefas de aprendizagem, como também na maior parte das ações sociais. Esse pensador enfatiza que o esforço da parte do professor está na criação de possibilidades para não só transmitir conhecimentos, como também na sua superação ao entender o conceito "bancário" da Educação. O intuito é assinalar a perniciosa relação professor (depositante) - aluno (depósito) de conhecimentos, revelando assim seu papel como instrumento de dominação e, além disso, a concepção de educação como uma situação que desafia a pensar corretamente e não a memorizar; uma educação que propicie o diálogo comunicativo e que problematize dialeticamente o professor e o aluno.

Percebe-se assim a importância de práticas significativas no contexto escolar para que o aluno entenda a educação como uma necessidade vital a sua existência. Segundo Freire (1982), não basta dizer que a escola é muito importante e que oferece condições de um futuro melhor pois, na prática, isso não se concretiza, principalmente ao examinar os altos índices de evasão escolar.

No entanto, muitas escolas e muitos docentes parecem não se atentar a relevância desses fatos, principalmente no que diz respeito à postura de professores para com os alunos. Nota-se, não raro, que uma grande quantidade lecionam sem saber o verdadeiro sentido de ensinar, não entendendo que que, no âmbito escolar, professor e aluno caminham juntos, ambos são parte e sujeitos da educação; não percebem o quão importante é a motivação; não acreditam que a transformação da educação, em grande parte, deve-se a si mesmo. É preciso adentrar a realidade do discente, conhecer e expor as suas necessidades. Tufano (2004) postula:

Ser professor não é só dominar um assunto, é também não perder o entusiasmo na sala de aula, é emocionar-se ao perceber o progresso de seus alunos, é empenhar-se na busca de melhores métodos de ensino, é usar seus conhecimentos não para humilhar os que não sabem, mas para mostrar-lhes como aprender cada vez mais.

Nesse sentido, o verdadeiro fazer docente exige do educador conhecimentos específicos, pedagógicos e psicológicos que permitam ao mesmo o reconhecimento da importância e das necessidades de cada um de seus alunos. Ele deve ter um olhar sensível em relação aos aprendentes, atentando-se à subjetividade de cada sujeito, isto é, ao modo de ser de cada um, no que corresponde à totalidade do indivíduo: homem-corpo, homem-ação, homem-afeto e homem-pensamento.

A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural (...). A subjetividade é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um (BOCK et. al. 1999).

No processo de formação de um professor, é importante perceber que a didática é a ponte entre ele e os alunos. Se não for aplicada, o resultado do processo pode não ser tão eficaz. Segundo Candau (2002),

[...] todo o processo de formação de educadores, especialistas e professores, incluem necessariamente componentes curriculares

orientados para o tratamento sistemático do que fazer educativo, da prática pedagógica. Entre estes, a didática ocupa um lugar de destaque.

Farias et al. (2001) abarca que “o planejamento é uma atividade constante, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos e precisamos realizar para atingir nossos objetivos”. É fundamental que exista coerência no ato de ensinar do professor, considerando o contexto social, as relações afetivas e motivacionais da criança para que avalie as diversas oportunidades de exercer atividades que contribuam para o seu desenvolvimento. Muitas escolas não olham para a criança como um sujeito em formação, mas sim um sujeito sem informação. Não são flexíveis em compreender as diferenças e as torna um fardo para todo o sistema.

Às vezes a falta de interesse do aluno, traduzida na evasão escolar é uma maneira de mascarar sua incapacidade para se esforçar. Mas em outras ocasiões não é assim. O aluno faria um esforço se percebesse que os conteúdos da aprendizagem são medianamente atrativos, úteis, conectados, com sua vida diária, atraentes o suficiente para que o esforço valha a pena. Quando, pelo contrário, descobre que aprender supõe apenas memorizar certos conteúdos distantes para recuperá-los depois em uma prova, sua atitude defensiva diante da aprendizagem vai se consolidando (DIOGO; AVILA; COSTA, 2009).

Se o aluno não encontra significado no trabalho que tem a realizar, se não vê perspectiva futura nessa aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender (BINI; PABIS, 2008). Cada aluno tem a sua particularidade e é assim também com a sua realidade. Ao ingressar na escola, muitos alunos se deparam com conteúdos que não condizem com seu cotidiano e, em contrapartida, os muitos professores não tem metodologia e não sabem relacionar a realidade do aluno com novos conhecimentos. Assim, os estudantes se sentem seres estranhos e excluídos naquele ambiente, pois não conseguem aprender.

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar, com facilidade ou relutância, minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo (FREIRE, 1996).

Para Bzuneck (2009), a queda na motivação leva a um declínio no investimento pessoal para realizar as tarefas de aprendizagem com qualidade, o que impossibilita a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e se realizarem como pessoas.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO CONTEXTO DA EVASÃO ESCOLAR

A sociedade contemporânea tem passado por um momento de mudanças simultâneas, contando com a educação e seus desafios nesse novo tempo de incentivar o discente a permanecer na escola, quando as outras alternativas parecem mais estimulantes. Essas considerações permitem pensar que a nova realidade conduz a uma variedade de sugestões de como os processos de ensino e de aprendizagem devem ser desenvolvidos, para atender às exigências impostas pela sociedade atual (SILVA; SCHIRLO, 2014).

Nesse contexto, o auxílio de outras áreas é fundamental ao aprimoramento das práticas educacionais, como por exemplo a psicologia cognitivista, forte aliada na transposição dos desafios pedagógicos. Essa área da psicologia é importante ao processo de ensino e aprendizagem, pois se preocupa com a compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição, processos esses essenciais ao de ensino e aprendizagem (MOREIRA; MASINI, 2006).

O conteúdo previamente apropriado pelo educando representa um fator que influencia o processo de aprendizagem, pois novas informações serão entendidas e armazenadas na proporção qualitativa da estrutura cognitiva prévia do aluno, construindo uma aprendizagem significativa (MOREIRA; MASINI, 2006).

Diante da Teoria da Aprendizagem Significativa como uma explicação teórica do processo de aprendizagem, Ausubel (1973) firma ser o processo pelo qual um novo conhecimento se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante. Desse modo, o conhecimento prévio do educando interage e a sua bagagem e contexto são consideradas, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva.

Entende-se que a organização cognitiva do educando é relevante para a aprendizagem de conceitos científicos, pois estes são constituídos por uma organização de conceitos e proposições que formam um conjunto de novas relações, que interagem com uma

estrutura de conhecimento específica, denominada por Ausubel (1973) de subsunçor (SILVA; SCHIRLO, 2014).

O subunçor é uma estrutura específica na qual uma nova informação pode se agregar ao cérebro humano, que é altamente organizado e detentor de uma hierarquia conceitual, que armazena experiências prévias do sujeito (AUSUBEL, 1973).

Ausubel, Novak e Hanesian (1980) explicam que “a aprendizagem significativa envolve a aquisição de novos significados e estes, por sua vez, são produtos da aprendizagem significativa”. No entanto, quando o contexto do indivíduo é reconhecido e acolhido, a aprendizagem se torna significativa, fazendo surgir novos símbolos em concordância com o seu contexto.

Portanto, acredita-se que o compromisso social da educação é imensurável, sendo necessário que o professor se assuma como pesquisador de sua prática pedagógica, atencioso a realidade escolar e do discente. Sendo preciso, também, questionar o seu saber a buscar respostas por meio de pesquisas realizadas no cotidiano de suas atividades docentes (SILVA, 2014). Consideramos que o objetivo é alcançar o estudante e dar sentido a sua caminhada escolar e a melhoria da educação, através de uma aprendizagem significativa.

Segundo Perrenoud (2000) é necessário redefinir a relação com o saber na sala de aula mediante “uma verdadeira negociação do contrato didático”, o que requer do professor a vontade e a capacidade de escutar os alunos, de ajudá-los a formular seu pensamento e de ouvir suas declarações.

Uma aprendizagem que provoca modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência, dando sentido a sua vida escolar, por boas práticas aplicadas (ROGERS, 1982).

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é de transmitir conhecimentos mais numerosos aos alunos, mas o de “criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância mas por toda a vida. É justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência por toda a vida” (MORIN, 2001).

Jesus (2016) corrobora com essas ideias a partir da consideração de que as práticas educacionais, na escola, possam estar voltadas à altura do nosso tempo e serem de fato inclusivas precisam ser efetivamente emancipatórias, que suscitem processos de conscientização, compreensão crítica e participação, sendo uma instituição realmente inclusiva.

Assim, temos a escola como parte do sistema de instituições da sociedade, sendo um dos maiores e mais importantes, tendo uma de suas principais funções contribuir para incluir o indivíduo e formá-lo. A inserção de conceitos e práticas que olvidem essa formação, faz-se mais do que necessário.

Dentro de uma mesma sala de aula temos indivíduos com diferentes culturas, valores, conceitos, maneiras de aprender. Precisamos que a democratização e construção dos conhecimentos se deem de maneira interdisciplinar, que possam ir além das paredes da sala de aula. Muitos não constroem o conhecimento e vão acumulando problemas e dificuldades na aprendizagem, logo, é com essa realidade que lidamos hoje, e é com esses alunos que temos na escola de hoje, com quem devemos nos preocupar se estão sendo formados de maneira democrática, se estão aprendendo, e se não estão, incluí-los de maneira significativa perante o ensino e a educação. (JESUS, 2016)

Nesse sentido, os cursos de licenciatura precisam dialogar organicamente com essas questões. Não apenas no ambiente acadêmico, mas em todo processo formação continuada, pois para ter o reconhecimento de uma boa bagagem teórico/prática é preciso saber que se trata de uma profissão humana, que lida diretamente com seres humanos em ambientes de complexas relações que são historicamente construídas e modificadas. Todas as discussões possíveis não darão conta de contemplar a universalização de práticas efetivas, porém, tal reconhecimento já faz parte do princípio de uma boa formação, por considerar a essência do ser humano, um ser inacabado e que historicamente procura respostas para justificar e auxiliar esse processo infinito de construção de si e transformação do meio para fins comunitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, podemos considerar que a evasão escolar é um tema urgente nas discussões educacionais, devido aos diversos fatores e à complexidade que está atrelada as suas causas e consequências. Por isso, toda abordagem dessa temática é válida para que haja a construção de um entendimento ratificado e concreto. A

importância do fomento de um entendimento sobre a evasão escolar é um desafio que exige uma postura de desconstrução das verdades há muito alicerçadas, tendo a necessidade de exercitar uma atitude reflexiva acerca do assunto.

Desse modo, fica claro que a própria compreensão de todo o contexto requer do entendedor/construtor um conhecimento prévio adquirido ao longo de estudos teóricos e vivências práticas, como na proposta de aprendizagem significativa firmada por Ausubel (1973). Tal aprendizado contextualizado e a prática pedagógica ligados à realidade do indivíduo envolvido no fazer pedagógico (tanto o professor, quanto o aluno) refletem significativamente na motivação, fazendo com que os atores presentes iniciem um comportamento direcionado a um determinado objetivo em comum.

Um professor motivado encontra prazer em seu trabalho, consegue instigar ações construtivas para o aprendizado e acredita na formação social e intelectual de cada estudante. Nesse sentido, o docente exerce sua prática de forma a motivar o aluno, considerando suas especificidades, constituindo um novo aprendizado e significação dos símbolos absorvidos, orgânicos a própria vida.

Se não houver uma eficaz relação didática com os estudantes, não haverá, conseqüentemente, uma relação professor-aluno. Se faltar didática nessa relação humana, a qualidade do aprendizado tende ao prejuízo e certamente deixarão de ser ensinadas e aprendidas coisas importantes (SILVA, 2009). A práxis educacional, com seus agentes envolvidos se relacionando dialeticamente, corrompe para a manutenção de todos na escola, não apenas objetivamente, mas com todas as potências subjetivas tão importantes para a humanização.

O espaço escolar deve ser um ambiente de compartilhamento e inclusão, de modo que os indivíduos presentes, seja no âmbito social, político ou familiar, participem ativamente da melhoria do processo de ensino aprendizagem. Essa certeza se firma na carência que todas as pessoas possuem de vida em sociedade, independente das formas e mecanismos de atrelamentos constituídos, reafirmando a incapacidade de se viver sozinho. O outro é necessário no complexo organismo social.

Concluimos também que a escola necessita de humanização e não pode abandonar os aportes teóricos que justificam essa vertente a partir de atividades materiais e imateriais com lastro social permanente. Alunos, professores, pais, pedagogos, a comunidade escolar em geral, estudando a partir das necessidades de seu lócus social corroboram na

construção de uma instituição cada vez mais ativa, contribuindo para cognição de si mesmo e do ambiente que o cerca. O ser humano é produtor e agente da sua história, assim ele tem a capacidade de ver o valor das coisas e testar suas experiências, aprende observando, ouvindo e/ou fazendo, e a escola, com uma nova prática, vai usufruir ao máximo desse aspecto para a educação. Partindo do pressuposto de que para o homem a educação seria sua dominância no mundo e o exercício do seu poder sobre as coisas, a apropriação desses saberes socialmente constituídos é fundamental!

Considerando a diversidade dos aspectos abordados, esse trabalho torna evidente a importância que o papel da motivação e da aprendizagem significativa adquirem no contexto da evasão escolar, o que vem a fomentar um campo de discussões cada vez mais abrangente e significativo em torno dessa temática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: MEC, 2003.

ALVES, Ironete da Silva. **Motivação no contexto escolar: novos olhares**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Faculdade Capixaba da Serra - Serravix, Serra, 2013.

AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Stratton, 1963.

AUSUBEL, D. P. **Algunos aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento**. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

BOCK, A. M. B. et. al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BARREIROS, J. L. **Fatores Que Influenciam na Motivação de Professores**. Brasília, 2008.

BINI, L. R.; PABIS, N. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. 2008. Disponível em: <<http://diretordeturma18.blogspot.com.br/2012/02/motivacao-ou-interesse-do-aluno-em-sala.html>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

BZUNECK, J. A. (2009). A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In E. Boruchovitch & J. A. Bzuneck (Orgs.), **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: E. BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.), **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2009. p.9-36.

CANDAU, V.M. (Org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar: causas e conseqüências**. 2008. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/imprensa/documentos/Arquivos/15%20-%20Manual%20de%20Gest%C3%A3o%20Pedag%C3%B3gico%20e%20Administrativo/2.10%20Combate%20%C3%A0%20evas%C3%A3o/EVAS%C3%83O%20ESCOLAR%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

DIOGO, E. S.; AVILA, M. M.; COSTA, M. N. Refletindo com Paulo Freire sobre a Evasão Escolar. 2009. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2009/artigos/psicologia/salao/601.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3.ed. Brasília: Liber Livro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 2001.

JESUS, A. N. dos S. de ; ANDRADE, A. F. de; FERREIRA, R. C.; ARAUJO, A. de S.
2. DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTANTE BUSCA DA (RE)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE NOSSOS ALUNOS. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESAFIOS%20ATUAIS%20DA%20EDUCACAO%20PRAXIS%20PEDAGOGICA%20NO%20PROCESSO%20DE%20INCLUSAO%20SOCIAL%20DE%20NOSSOS%20ALUNOS.pdf>>

LOLIS, D.; LIMA, J. C. F. *Evasão e demanda escolar nas favelas e assentamentos na região leste de Londrina*. Universidade Estadual de Londrina, 1997. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n2_evasao.htm>. Acesso em: 28 nov. 2015.

MENDES, M. S. Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no ensino médio. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 2, p.261-265, 2013.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

MOREIRA, M. A.; CABALLERO, M. C.; RODRÍGUEZ, M. L. (Org.). **Aprendizagem significativa: um conceito subjacente**. In: Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo. Burgos, 1997. p.19-44.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROGERS. C. **Tornar-se pessoa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RUMBERGER, R. W. Why students drop out of school. In: ORFIELD, G. (Ed.), **Dropouts in America: Confronting the graduation rate crisis**. Cambridge: Harvard Education Press, 2006a. p.131-155.

RUMBERGER, R. W. What can be done to reduce the dropout rate? In: ORFIELD, G. (Ed.), **Dropouts in America: Confronting the graduation rate crisis**. Cambridge: Harvard Education Press, 2006b. p.243-254.

SILVA, S. C. R.; SCHIRLO, A. C. Teoria da aprendizagem significativa de Ausubel: reflexões para o ensino de física ante a nova realidade social. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 1, p. 36-42, 2014.

SILVA, Luzelucia Ribeiro da. **A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO SUPERIOR**. Brasília - DF 2009

TUFANO, D. Postura de professor. In: PASCALE, R.; LARA, W. (Org.). **Relações do ensinar**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 45-46.